

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
PUC-SP

Júlia Calderazzo

A questão da Indiferença na obra de Silvia Lane

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

SÃO PAULO

2015

Júlia Calderazzo

A questão da Indiferença na obra de Silvia Lane

MESTRADO EM PSICOLOGIA SOCIAL

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Social sob a orientação da Prof^a Dr^a Maria do Carmo Guedes.

SÃO PAULO

2015

Banca Examinadora

*Ao Guar e  Beatriz, que me ensinaram a
riqueza de um amor incondicional.*

Agradecimentos

À Maria do Carmo Guedes, Orientadora e Amiga, pelo constante incentivo ao meu pesquisar;

À Mitsuko Aparecida Makino Antunes, pela sensibilidade e generosidade com que observou meu processo de produção;

À Roberta Gurgel Azzi pelas importantes contribuições para este trabalho;

À Célia Marcondes Ferraz, pesquisadora dedicada, por me ensinar a amar Silvia Lane;

À Marlene, secretária do programa, a quem devo meus mais sinceros agradecimentos, pela paciência e pelo incentivo;

Aos meus pais, pelas lições de solidariedade e humildade;

Aos meus avós, José e Neyde, pelos incontáveis gestos de dedicação e amor;

Aos meus avós, Savério e Elza, por acreditarem, sempre, nas minhas possibilidades;

À Laura, irmã e amiga, sempre disponível para o compartilhar de alegrias e também de dificuldades;

À família Moreira Alves, por apoiar e engrandecer o meu desenvolvimento pessoal e profissional;

À Claudia da Silva Leite, pelo reconhecimento, pela amizade, pela escuta sensível e atenta.

Ao Eduardo Prates, pelos ensinamentos e pela amizade;

À Lívia Gomes dos Santos, pela amizade repleta de generosidade e delicadeza;

Ao Denis Ferreira, por tornar meus dias mais leves;

À Elaine Fernandes, que garantiu importantes contribuições para o meu pesquisar;

Aos colegas do NEHPSI, pela gentileza das observações realizadas e por acompanharem meu percurso de forma paciente e solidária;

À Maria Aparecida de Lima Tomazelli Sabará, pelas lições de solidariedade e pelo incentivo à concretização deste trabalho;

À Telma Regina Tiepolo, por todo o apoio à realização deste trabalho;

A toda a equipe do Instituto Noitikos de Apoio ao Ensino (INAPE), pela parceria, pelo incentivo, pelos objetivos compartilhados;

Ao CNPq, por oportunizar a realização desta pesquisa.

*Primeiro levaram os negros
Mas não me importei com isso
Eu não era negro*

*Em seguida levaram alguns operários
Mas não me importei com isso
Eu também não era operário*

*Depois prenderam os miseráveis
Mas não me importei com isso
Porque eu não sou miserável*

*Depois agarraram uns desempregados
Mas como tenho emprego
Também não me importei*

*Agora estão me levando
Mas já é tarde.
Como eu não me importei com ninguém
Ninguém se importa comigo.*

Bertold Brecht

Resumo

Estudar a realidade brasileira, reconhecendo as especificidades de nosso país, foi uma das principais contribuições deixadas por Silvia Lane. Documentos primários no acervo “A Psicologia em São Paulo”, do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPsi/PUC-SP), a par de suas publicações, permitiram a compreensão de um trabalho comprometido com as questões sociais, engajado em temas que expõem as dificuldades experienciadas pela população brasileira. A questão da indiferença expressa-se em grande parte da obra de Lane e reflete sua constante preocupação com a (des)construção de um caminho que, atrelado às ideias dominantes, expressa-se em práticas de exclusão e descaso. O presente trabalho tem por objetivo compreender a ênfase com que Lane se refere ao termo como necessário para conhecer as relações humanas. Assim, é por meio dos caminhos percorridos ao longo de sua vida acadêmica que a autora identifica a necessidade premente de uma reflexão crítica acerca do tema ora apresentado, reconhecendo, no trabalho do psicólogo, as condições para a construção de práticas que favoreçam movimentos de emancipação e de reconhecimento da alteridade.

Palavras-chave: História da Psicologia; Psicologia Social brasileira; Compromisso social.

Abstract

Studying Brazilian reality in order to recognize the specificities of our country, it refers to one of the main contributions left by Silvia Lane. Primary documents in the collection “A Psicologia em São Paulo” [“Psychology in São Paulo”] from Núcleo de Estudos em História da Psicologia (NEHPsi/PUC-SP) [Center for Studies in History of Psychology] along with its publications, allowed the comprehension of a committed work with social issues integrated with topics that expose the difficulties experienced by Brazilian population. The matter of indifference is expressed in most of Lane’s literature and it reflects her constant concern about the (res)signification of a path that, connected to the dominant ideas, succeeded in practices of exclusion and negligence. The purpose of this research is to understand the emphasis that Lane refers to the term as indispensable to explore human relations. Therefore, it’s through the paths taken along her academic life that the authoress identifies the immediate necessity of critical reflection about the subject presented here, recognizing, in psychologist’s performed work, the conditions to create practices that promote movements of emancipation and recognition of otherness.

Keywords: History of Psychology; Brazilian Social Psychology; Social Commitment.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Excertos do Dicionário Analógico de Azevedo.....	16
Tabela 2 – Publicações de Silvia Tatiana Maurer Lane.....	32

LISTA DE SIGLAS

ABRAPSO – Associação Brasileira de Psicologia Social

ANPEPP – Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia

APA – American Psychological Association

CCZ - Centro de Controle de Zoonoses

CFP – Conselho Federal de Psicologia

CNPq – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico

CRP – Conselho Regional de Psicologia

EDUC – Editora da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

EUA – Estados Unidos da América

FAPESP - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo

FFCL – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

INEP – Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira

NEHPSI – Núcleo de Estudos em História da Psicologia

PUC-SP – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

SciELO – Scientific Electronic Library Online

SIP - Sociedade Interamericana de Psicologia

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

UNESP – Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

UNIMEP – Universidade Metodista de Piracicaba

USA – United States of America

USP – Universidade de São Paulo

Sumário

INTRODUÇÃO.....	12
1. INDIFERENÇA: UM CONCEITO AMBÍGUO?.....	14
2. INDIFERENÇA E ENGAJAMENTO: UMA OPOSIÇÃO OU UMA RELAÇÃO DE COMPLEMENTARIDADE?.....	21
3 . UM POUCO SOBRE SILVIA LANE E SUA OBRA.....	27
4. COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INDIFERENÇA NA OBRA DE SILVIA LANE.....	39
4.1 A Psicologia da Linguagem como suporte para uma Psicologia que é social.....	41
4.2 Da Prática à Práxis: um novo papel para o psicólogo.....	46
4.3 Das emoções e dos afetos na obra de Silvia Lane.....	53
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	60
REFERÊNCIAS.....	62

A seriedade com os compromissos éticos, políticos e sociais tem marcado a trajetória de minha família; italiano de nascimento, brasileiro por convicção, Vitório, meu bisavô, recusou-se a naturalizar-se em nosso país, certo de que as fronteiras deveriam ser abolidas, de que os princípios humanistas deveriam nortear as condutas humanas e regular as relações sociais. Elza, sua filha e minha avó, jamais esqueceu seu exemplo e, de forma singular, conduziu sua vida com aplicada perseverança e consistência ética: teve quatro filhos, que não a impediram de seguir seus sonhos em direção à carreira acadêmica, formou-se em Letras e especializou-se em Literatura Portuguesa; estudou a obra de Fernando Pessoa e, mais tarde, enredou-se na vida política de sua cidade – bastante conservadora – filiando-se a um partido de esquerda. Em sua caminhada, revelou ao meu pai a perspectiva de um mundo distinto daquele experienciado na pequena cidade onde moravam.

Meu pai veio para São Paulo bastante jovem e aqui conheceu minha mãe; jornalistas sérios desses poucos que sobrevivem nessa profissão em nosso país – dedicaram-se a desvendar nossa realidade, lutando contra a opressão midiática e militando por um país livre e justo. Ensinaram-me que ética e respeito ao próximo andam juntos; mostraram-me, por meio do exemplo, a necessidade de indignação diante das injustiças sociais. Nasci numa época marcada pela ditadura empresarial-militar e nela vivi meus primeiros anos de vida: nos ombros de meus pais participei de manifestações, presenciei a luta pela redemocratização do país, me confundi – entusiasmada, certamente – com diversos apoiadores dos mais distintos movimentos sociais. Aprendi, enfim, sobre a impossibilidade de manter-me indiferente diante das dificuldades vivenciadas pela população brasileira – a de baixa renda, em especial.

Meu primeiro contato com a obra de Silvia Lane deu-se no ano de 2007, quando, ainda graduanda em Psicologia, realizei uma pesquisa de Iniciação Científica; o trabalho inicial, realizado no primeiro semestre, consistiu na análise documental de parte da obra da pesquisadora e revelou a relevância de seus estudos para a Psicologia Social – brasileira e

mundial. Aproximar-me do acervo do NEHPSI (PUC-SP)¹ permitiu que eu compreendesse a amplitude da obra de Silvia, além de revelar seu envolvimento com temas sociais. Ainda no início de minhas atividades como pesquisadora, tive oportunidade de debruçar-me sobre a questão das emoções, tal como ela fora abordada na obra de Silvia; agora, já no mestrado, optei por deter-me na questão da indiferença, analisando documentos cujos registros expõem esse tema de pesquisa.

O presente trabalho tem por objetivo compreender a ênfase com que Silvia se refere ao termo como necessário para conhecer as relações entre as pessoas, sem, contudo, deixar de referir os atravessamentos sociais que perpassam a constituição de tais vínculos. Decidiu-se primeiro estudar o próprio termo (ouvir pessoas, ir a dicionários) confirmando, deste modo, o peso negativo que lhe é atribuído – a despeito de, para fins de discussão, ser possível garantir-lhe uma conotação positiva, como defende Safatle; na sequência, lembrando a discussão entre Merleau-Ponty e Sartre, tal como analisada por Chauí, discute-se a concepção de engajamento a partir de uma perspectiva filosófica, revelando sua relação com a ideia de indiferença; o capítulo três propõe um percurso pelos principais temas da obra de Silvia, expondo suas considerações acerca de: Psicologia da Linguagem, Psicologia Comunitária, Grupos, além de Afetos e Emoções; no capítulo final, pretende-se garantir subsídios para que a discussão acerca da indiferença traduza a necessidade premente de um olhar para as relações sociais, por meio do desvelar dos aspectos ideológicos que interpõem-se às práticas humanizadas.

É certo que "indiferença" é apenas um dos muitos temas relevantes abordados na obra de Silvia. Contudo, revela-se, por meio dele, a possibilidade de discutir o papel do psicólogo, a formação de pesquisadores e, não menos importante, o compromisso político exercido não apenas pelos profissionais da área da Psicologia, mas também por todos nós, cidadãos.

¹ O acervo Silvia Lane, de propriedade do Núcleo de Estudos em História da Psicologia (Grupo de Pesquisa em História da Psicologia, da PUC-SP), conta com material deixado pela titular em seus armários na PUC-SP, além de material doado pela família.

1. INDIFERENÇA: UM CONCEITO AMBÍGUO?

O presente trabalho tem como propósito estudar o conceito de Indiferença desde uma perspectiva da Psicologia – mas não apenas nela, uma vez que buscaremos dialogar com outras disciplinas. Considerou-se, na definição do objeto de estudo, a carência de pesquisas – em psicologia social - que dessem conta de examinar o problema a partir da realidade brasileira. Além do estudo do termo – ao ouvir pessoas e consultar dicionários – examinou-se a biblioteca Scielo², com o objetivo de conhecer a produção acadêmica acerca do tema; a consulta ao acervo da biblioteca PUC-SP também revelou sua importância, ao garantir o acesso à parte da produção de Silvia Lane e de seus orientandos. Apesar da relevância do material disponível, observou-se a necessidade de um aprofundamento das pesquisas relativas ao conceito.

As considerações a respeito da importância de uma Psicologia comprometida com as indagações e dificuldades experienciadas no contexto latino-americano – e no Brasil, especialmente – evidenciarão a estreita relação entre o estudo ora proposto e as questões formuladas por Silvia Lane ao longo de sua vida. Textos produzidos pela pesquisadora em diferentes épocas – serão analisados não só textos publicados, mas um conjunto de palestras não editadas, existentes no acervo Silvia Lane do NEHPSI - revelam sua contínua busca por um aprofundamento relativo ao conhecimento da realidade brasileira, bem como das relações estabelecidas nesse âmbito.

Sensível ao dia a dia das metrópoles – vivia em uma, afinal –, a pesquisadora não tardou em evidenciar seu interesse pelo cotidiano das grandes cidades e, particularmente, pelos afetos e emoções mobilizados nesse contexto. Nesta perspectiva, convém, explicitando

² Biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos.

assim os desígnios desta pesquisa, esclarecer a importância atribuída por Silvia Lane a um conceito ainda pouco trabalhado pela Psicologia brasileira: a indiferença.

Em comunicação realizada por ocasião do XIV Encontro Nacional da ABRAPSO, Guedes (2007a) traduziu, de forma singular, aquilo que fora exposto em diversas apresentações. Citando Silvia Lane em texto apresentado nesse evento, diz:

Com sua lógica da eficiência produtiva, a competitividade na busca do lucro, o individualismo possessivo voltado para o consumo, a insensibilidade e a **indiferença** para com qualquer outra situação que escape desse circuito das emoções e sentimentos que são dominantes em nosso meio, nossas sociedades não deixam quase nenhum lugar para a gratuidade do afeto, o sentimento de solidariedade ou a compaixão para com os fracos, as vítimas inocentes da violência e da injustiça social, e nos privam de valores essenciais que nos permitiriam viver uma vida mais humana. (Lane, apud Guedes, 2007a)

No mesmo evento, a socióloga Maria Lucia Montes (2007) ressaltou as mesmas questões, ao revelar a constante busca de Lane por uma ética comprometida com valores humanos e capaz de superar o imediatismo decorrente da prevalência dos interesses individuais. Vale ressaltar, em tempo, que Montes jamais conheceu Silvia pessoalmente. Apenas por intermédio de Yara Araújo – amiga de ambas – as pesquisadoras puderam trabalhar juntas em um projeto realizado no Centro de Controle de Zoonoses (CCZ) da cidade de São Paulo.

A pesquisa considerou os sentimentos e as emoções experienciados pelos profissionais ligados ao CCZ, buscando conscientização com relação às práticas de eliminação dos animais abandonados. Montes enaltece, referindo-se à Lane, a importância de questionar o ethos das sociedades contemporâneas (p.3). Nesta perspectiva, a pesquisadora opta por localizar o

animal abandonado como ícone de um “sentimento de indiferença”, ressaltando a ausência de compaixão – generalizada – frente ao sofrimento experimentado pelos animais aprisionados.

O trabalho desenvolvido pelas pesquisadoras resultou em uma série de ações organizadas pela sociedade civil que, por meio de atividades conjuntas, promoveu debates e campanhas em prol da vida animal. Mas, por trás das propostas tão bem estruturadas e da inegável pró-atividade notada nos atos realizados, encontrava-se, de acordo com Montes, “o diálogo constante com a Professora Silvia Lane” (p.5).

É certo que o legado de Lane permanece e pode ser verificado nos trabalhos desenvolvidos, atualmente, por organizações de defesa dos animais e, principalmente, em dois locais: o Centro de Controle de Zoonoses de São Paulo e em Capão Redondo (Montes, p.5). Contudo, a indiferença identificada durante a pesquisa carece de contínua indagação. Nesta perspectiva, entende-se a importância de um aprofundamento dos estudos acerca do conceito.

Sabe-se das controvérsias inerentes ao fenômeno pesquisado. Assim, antes de consolidar a negatividade que lhe é comumente atribuída – conforme se verificou em entrevistas realizadas previamente -, optou-se por consultar dicionários de língua portuguesa, buscando explicitar os significados conferidos à palavra no Brasil. O mais antigo pesquisado, o *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (Figueiredo), publicado, originalmente, no ano de 1899, revelou:

Indiferença ou indiferença, *f.* Qualidade daquelle ou daquillo que é indifferente. Desinteresse; desprendimento. Negligência. Insensibilidade moral; apathia; inconsciência mórbida. *Phys.* Inércia dos corpos (Lat. *Indifferentia*) (p.1059)

O único termo, neste Dicionário, que poderia escapar da negatividade, seria desprendimento. Entretanto, a consulta ao *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*, editado no ano de 2004, trouxe novas definições, ratificando as ideias já apresentadas no material pesquisado anteriormente:

Indiferença [Do lat. tard. Indifferentia, ‘estado físico que não apresenta nada de particular’; fr. Indifférence (1372).] **S.f. 1.** Qualidade de indiferente **2.** Desinteresse: “as estrelas bocejavam dormentes, numa criminosa indiferença por aquela dor suprema de que eram as únicas testemunhas” (Trindade Coelho, *Os Meus Amores*, p, 202) **3.** Desprendimento, desdém; desprezo: “em nenhum de nós a resistência ao matrimônio...significa indiferença pelos encantos femininos.”(José Régio, *História de Mulheres*, p. 9). **4.** Insensibilidade moral; apatia, insensibilidade, negligência. **5.** Inconsciência doentia >**Indiferença moral.** Ét. Estado ou qualidade daquele que é amoral. (p.1095)

Como no anterior, desprendimento, apresentado junto com desdém e desprezo, reafirma a negatividade do termo.

Com o objetivo de ampliar o conhecimento a respeito das possíveis definições de “indiferença”, buscou-se outras referências no *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa* (Fernandes, 2012). O livro trouxe a seguinte explicação:

Indiferença *Sin.* Desinteresse, desprendimento, fleuma, displicência, apatia, insensibilidade, frieza, desprezo, desdém, antipatia: *Tratar alguém com indiferença.*
Inércia. (p.527)

Como se vê, na cultura brasileira o termo é mesmo negativo.

Por fim, a consulta ao Dicionário Analógico (Azevedo, 2010) acrescentou informações à pesquisa realizada. Na classe “Afeições”, e na divisão “Pessoais”, Indiferença é um termo que merece destaque: consta no índice de duas formas: em maiúsculo e negrito e em minúsculo sem grifo. No primeiro, “Indiferença” é oposto a “desejo” e não tem termo intermediário (p.xxxii) mas mereceu muitos termos e expressões para representá-la:

Tabela 1 – Excertos do Dicionário Analógico de Azevedo

Nome	Palavras encontradas na “nuvem” Indiferença
Substantivo	<p>Indiferentismo, Neutralidade, Gelo, Frieza, Frialdade, Frescura, Descaso, Desapego, Desprendimento, Incuriosidade, Desinteresse, Insouciance, Non chalance, Desambição, Despretensão, Displicência, Desleixo, Desafeição, Olvido, Falta de interesse, Falta de ambição, Despreocupação, Inalterabilidade, Fastio, Anorexia, Inapetência, Mármore, Adipsia</p> <p>Ataraxia, Asicia/Asitia, Apatia, Atrambia, Inação, Inércia, Spleen</p> <p>Insensibilidade, 823; Inatividade, 683; Desdém, 930; Impassibilidade, pasmaceira, marasmo, falta de atenção 458; Paralisia</p>
Verbo	<p>Ser indiferente & adj.; Não dar a mínima, Ficar neutro, Guardar neutralidade, Não querer ouvir falar de, Não querer (nem) saber de, Meter-se nas escolhas ou nas encóspias, Deixar correr o marfim, Encolher os ombros, Não tomar interesse por, Estar se lixando, Desinteressar-se de (insensibilidade), 823; Não dizer fum nem fum, não se importar com, estar nas tintas (fam.), não estar nem aí, cruzar os braços, lavar as mãos (fig.), retrair-se, enterrar a cabeça na areia (fig.), desacompanhar, aguardar os acontecimentos, não fazer frio nem calor a alguém, não se dar por entendido, não ligar importância, 643; Fazer ofício de corpo presente, fazer-se desentendido, fazer pouco em, 483; desdenhar, 930; Não ter (desejo de 865); Despegar-se, desprender-se enfastiar-se, enfarar-se enojar-se, aborrecer-se, rebotar-se, desligar-se de, separar-se, alhear-se, desalhear-se.</p>
Adjetivo	<p>Indiferente, Desinteressado, Frio, Frígido, Glacial, Apático, Abúlico, Sem ambição, Sem aspiração, Inerte, Inativo, Enfarado, Desambicioso, Despretensioso, Impretendente, Alheio à sorte de; Alheio à marcha dos acontecimentos, Neutro, Neutral, Desligado, Desprendido, Descuidoso, Descuidado, Insouciant</p> <p>Indesejoso, Fresco como pepino, De braços cruzados, Fleumático, Inalterável, Impassível, Inatraente, Inconvidativo, Indesejado, Indesejável, Insípido</p> <p>391; Fútil, vão, inócuo, anódino.</p>
Advérbio	Indiferentemente & adj.; à desgaira, Sem preferência

Nas outras acepções para Indiferença, o Dicionário as coloca na classe “Entendimento” e “Vontade”, confirmando definições e sinônimos já encontrados.

É provável reconhecer, nos verbetes descritos, a tradução de sentimentos em determinados contextos. Silvia Lane não tarda em lembrar, a propósito da formação de psicólogos no Brasil, da indiferença do profissional da área com relação às especificidades da realidade brasileira:

Em certa medida, a tendência do psicólogo a importar modelos explicativos de contextos sociais alienígenas decorre de sua própria formação, carente de visão mais ampla da realidade sociocultural brasileira. (1985b, p.84)

Sobre esta afirmação, o artigo de Vieira e Barros - *Cidadania: entre o compromisso e a indiferença* (2008) – analisou o envolvimento e o interesse de estudantes de graduação de uma universidade estadual do Paraná em projetos ligados à construção de cidadania, concluindo que a maior parte dos alunos se encontra desvinculada de qualquer compromisso social. O texto ressalta a concepção, predominante entre os universitários, de que o tempo disponível para a realização de atividades extracurriculares deve ser ocupado por trabalhos vinculados à produção acadêmica ou que favoreçam o desenvolvimento individual. As autoras destacam ainda que tal forma de pensar vem se desenvolvendo ao longo de anos, intensificando-se após a Revolução Industrial.

No texto apresentado pelas autoras, discute-se a possibilidade de implicar jovens estudantes em ações que promovam uma transformação social. O artigo elucida a ideia de que os universitários – assim como os demais integrantes de nossa sociedade – precisam reconhecer o “outro” como aquele que é diferente do “eu”. A concepção de alteridade, fundamentada nessa perspectiva e repetidas vezes citada, propõe a necessidade de reconhecimento do diverso, daquilo que se distingue de “mim”.

É esta, aliás, a análise que Safatle faz, remetendo, afinal, a uma conotação positiva para o conceito de indiferença. Em coluna publicada no jornal Folha de São Paulo de 12 de junho de 2012, o autor afirma a necessidade de uma política “radicalmente aberta à

alteridade” na qual a diferença do outro seja reconhecida como parte da diversidade que compõe a multiplicidade de possibilidades de ser. Conforme esclarece: “Quando afirmo que devemos ser indiferentes à diferença é por defender que a vida social deve alcançar um estágio no qual a diferença do outro me é indiferente” (Safatle, Primeiro Caderno, A2, Opinião).

Safatle afirma, desse modo, a possibilidade de olhar para o outro de forma a não distingui-lo de si mesmo e dos demais, não diferenciá-lo por suas opções religiosas, sexuais ou políticas – sem, contudo, deixar de reconhecê-lo em sua singularidade.

2. INDIFERENÇA E ENGAJAMENTO: UMA OPOSIÇÃO OU UMA RELAÇÃO DE COMPLEMENTARIDADE?

Aprofundando os estudos sobre indiferença – descrevendo-a, assim como Safatle, de modo positivo –, Massimi e Barros (2005) analisam o conceito a partir de cartas jesuíticas escritas nos séculos XVI e XVII. Na pesquisa realizada, as autoras examinam textos dirigidos à Companhia de Jesus, escritos por jovens interessados em fazer parte das Missões. As pesquisadoras destacam, como conteúdo rico em possibilidades de análise, o fato de os candidatos descreverem suas características pessoais (físicas e psicológicas) nos retratos feitos sobre si mesmos. Dentre as virtudes relatadas nas cartas, destacava-se, em muitos casos, a “indiferença” diante do lugar onde deveriam prestar serviços – embora pudessem apontar preferências, alguns jovens colocavam-se em condição de total disponibilidade frente às demandas da Companhia (p. 198).

A reflexão religiosa da época é orientada por uma busca incessante de um bem final, que justificaria a abdicação de todas as paixões terrenas. De acordo com Massimi e Barros (2005):

Para a Companhia, é importante que o candidato se posicione na condição de indiferença, por se tratar de uma atitude fundamental para progredir na vida espiritual. Neste sentido, a reflexão sobre a ideia de indiferença é central no momento de decisão e deliberação acerca do desejo de servir, relacionando-se com outras questões referentes ao processo de autoconhecimento realizado pelo jesuíta. (p.200)

Desvelar um caminho que nos leva a compreender a indiferença em sua positividade, não nos exime de revelar seu lado negativo, sobretudo quando tratamos de questões relativas ao contexto brasileiro. Assim, a pesquisadora Silvia Lane não se absteve da discussão, realizada inúmeras vezes ao longo de seu percurso profissional, acerca da necessidade de um

envolvimento legítimo com as questões sociais. Alertou-nos sobre a importância do compromisso com uma ação – política, ética, social – que desvelasse e apontasse caminhos para um trabalho realmente implicado com os problemas de nosso país. Atenta à necessidade de formar profissionais críticos e envolvidos com a realidade brasileira, expôs suas ideias não apenas no Brasil, como em outros países da América Latina e também fora dela. O que diria Lane, pois, sobre a naturalização das dificuldades experienciadas pela população brasileira? Como explicaria a violência que acompanha as questões relativas à desigualdade social?

Bandura (apud Azzi, 2011) indica caminhos para o entendimento do tema ao explicitar os mecanismos humanos de *moral disengagement* (desengajamento moral). Representante da teoria social cognitiva, o autor tem, desde a década de 1970, produzido estudos acerca das condições – ambientais e psíquicas – que regulam as condutas antissociais.

O trabalho de Azzi (2011) destacou parte da obra de Bandura, enfatizando as publicações realizadas a partir do ano 2000. Tais estudos revelam a necessidade de aprofundamento das discussões sobre a violência que se vai naturalizando no cotidiano das diferentes sociedades; as pesquisas ressaltam que o desengajamento moral se expressa, inclusive, na possibilidade de infligir sofrimento ao outro, sem, contudo, autocensurar-se por tal feito. De acordo com a teoria exposta pelo autor, as pessoas são produto e produtoras do ambiente em que vivem e podem, portanto, modificá-lo – bem como à própria conduta – em razão de influências cognitivas, afetivas e sociais.

Bandura, Azzi e Polydoro (2008, apud Azzi, 2011) ressaltam que os indivíduos podem atuar de forma *agêntica*, ou seja, de modo a modificar o ambiente intencionalmente. Quando tratamos especificamente da questão do desengajamento, devemos fazê-lo, de acordo com a teoria exposta, utilizando como perspectiva a ideia de que é possível abdicar de certos padrões morais e, como consequência, justificar atos antissociais. Amparados por essa lógica, seria possível compreender um mecanismo por meio do qual, gradualmente, as pessoas perderiam a

autocensura e deixariam de indignar-se diante das – mais diversas e graves – injustiças sociais. De acordo com Azzi (2011):

Ao contrário do que se possa imaginar, os mecanismos de desengajamento moral operam cotidianamente em nossas vidas. É necessário que se atente para o fato de que a lógica do desengajamento está presente no dia a dia alargando fronteiras em nossas referências, muitas delas em direção à tolerância cada vez maior em relação a ações que infligem sofrimento ao próximo. (p.216)

Sobre isso, interessa-nos retomar um artigo publicado pelo colunista Jânio de Freitas (2014), no qual o autor discorre sobre a indiferença norte-americana em relação à população cubana; o jornalista ressalta, entretanto, que o sentimento tem acompanhado o cotidiano estadunidense ao longo de gerações. Lembra ainda do sofrimento infligido a milhões de habitantes de Nagasaki e Hiroshima, quando do lançamento das bombas atômicas. Analisando a indiferença presente em tais ações, o jornalista retoma as palavras do presidente da maior potência bélica do mundo quando este refere-se aos Estados Unidos como um “país que está em guerra permanente”. Conclui, então, com um possível acréscimo de significado à palavra indiferença: perversão e perversidade.

OS 53 anos do bloqueio americano a Cuba não foram ao regime comunista cubano. Foram a milhões de crianças, e a milhões de mulheres, e a milhões de homens, que cresceram na infância, na juventude, como adultos e como velhos as sucessivas gerações submetidas a mais de meio século do flagelo inútil de carências terríveis.

O regime sobreviveu muito bem, deu-se mesmo ao luxo de derrotar todas as investidas, nas mais variadas formas, que a maior potência bélica não cessou de lhe dirigir. As afirmações de que o regime mudou não são inteligentes, são apenas vulgares. O que mudou foi o mundo, e o regime se adaptou às circunstâncias, como sempre fezera, e por isso sobreviveu. Em Nova York, há 50 anos, ver negros entrando no elevador com brancos era prova de estar na ONU. Hoje a discriminação continua, porque o segregacionismo está na índole do país, mas os brancos vão à Casa Branca (um nome sugestivo) para falar com um negro.

E por que tantos anos de sofrimento imposto a um povo cujo país na

da poderia contra os Estados Unidos?

Os motivos do bloqueio e seus antecedentes perderam-se na vaguidão “cultural” da atualidade. Mas não diferem dos outros que têm movido os Estados Unidos mundo afora. Apoiadores da ditadura de Fulgencio Batista –simbolizável nos órgãos genitais mandados à noiva do estudante opositorista que os perdeu em tortura–, os Estados Unidos exigiam que a revolução democrática de Fidel Castro preservasse os negócios de americanos no seu quintal cubano: a maior concentração de cassinos e bordéis do mundo, bebidas alcoólicas, grandes plantações de cana com mão de obra semicrava e exportação de açúcar. Cuba era dividida entre negócios e grupos da máfia americana.

Os problemas começaram com o

O significado da indiferença

JÂNIO DE FREITAS

Por que tantos anos de sofrimento imposto a um povo cujo país nada poderia contra os Estados Unidos?

fechamento dos cassinos e bordéis. Os chefes mafiosos haviam sido importantes para a eleição de Kennedy. A escalada foi intensa: reação americana, avanços revolucionários com nacionalizações e com reforma agrária. Kennedy ordenou a invasão, derrotada pelos cubanos, e o bloqueio total a Cuba. Fidel, em seu primeiro grande movimento de manipulação das circunstâncias, compõe-se com a oferta de ajuda da União Soviética, típica da Guerra Fria. Até então, e desde a luta contra Batista, o grupo de Fidel e os co-

munistas mantinham hostilidade frontal. Também isso mudaria, e mudaria tudo mais.

Dez anos depois da morte de Stálin, o Partido Comunista Cubano conservava o stalinismo em sua forma mais ortodoxa. Integrado a um governo que precisava apegar-se às relações com a União Soviética, o PCC e suas concepções tornaram-se a força predominante na caracterização do regime.

A crise da União Soviética desmontou o regime cubano, e o fim do comunismo soviético lançou-o em circunstâncias que enfraqueceram a ortodoxia. No tempo das aberturas, o poder voltou ao reformismo, com uma peculiaridade: passou de irmão a irmão, com o sisudo e inflexível Raul retomando o Fidel extrovertido e aberto do princípio. E agora, o papa Francisco, o segundo pa-

pa cristão em nosso tempo, com João 23.

A tão longa indiferença americana com o sofrimento de milhões de vítimas do bloqueio não tem originalidade. É a mesma que, em certa manhã de verão, lançou sobre os habitantes de Hiroshima uma tempestade de fogo e gases que os carbonizou, quando o seu país já queria discutir os termos da rendição. E, passadas pouco mais de 48 horas, a mesma indiferença jogou uma segunda bomba atômica, sobre os habitantes de Nagasaki, incandescente-os todos. É a mesma indiferença que lançou sobre o pequeno Vietnã mais bombas com o fogo pegajoso do napalm do que todas as suas bombas lançadas na Europa e na Ásia durante a Segunda Guerra Mundial. É a mesma indiferença de um país, em palavras recentes do seu presidente, que “está em guerra permanente”.

Indiferença pode ser sinônimo de perversão e de perversidade. Significado que, parece provável, os futuros historiadores vão preferir.

Qualificativos explicitamente negativos, os termos revelam a condição de algo que se distancia da norma, do comum, do socialmente esperado. Assim, mais uma vez recorreremos ao Dicionário Analógico (Azevedo, 2010), buscando ampliar – e aprofundar – nosso conhecimento acerca das possíveis analogias atribuídas à palavra perversão. Nele localizamos referências às expressões “interpretação errônea”, “desensino”, “mentira”, “pioramento” e “impiedade”.

O “Vocabulário da Psicanálise” (Laplanche e Pontalis, 2004) também evidencia a negatividade do termo “perversão” ao relacioná-lo a condições desviantes, inadequações sociais que se expressariam, de acordo com os autores, por meio da sexualidade. Ressaltam, entretanto, que a palavra tem sido usada mesmo antes de a psicanálise surgir como uma teoria apta à análise do comportamento humano:

Antes de Freud, e ainda em nossos dias, o termo é usado para designar “desvios” do instinto, definido este como um comportamento pré-formado, próprio de determinada espécie e relativamente invariável quanto à sua realização e ao seu objeto.

Os autores que admitem uma pluralidade de instintos são pois levados a conferir uma extensão muito grande à perversão e multiplicar as suas formas: perversões do “sentido moral” (delinquência), dos “instintos sociais” (proxenetismo), do instinto de nutrição (bulimia, dipsomania). Na mesma ordem de ideias, é comum falar-se de perversão, ou antes de perversidade, para qualificar o caráter e o comportamento de certos sujeitos que demonstram uma crueldade ou uma malignidade singulares. (p. 341)

Ainda que nosso propósito distancie-se da ideia de transitar pelas considerações psicanalíticas, reforça-se, por meio delas, a representação da “perversão” de forma explicitamente negativa. Assim, conforme associação estabelecida pelo jornalista Jânio de

Freitas, a indiferença figuraria como algo inaceitável, que se distanciaria de valores moralmente justificáveis.

Em oposição ao tema ora pesquisado, o termo “engajamento” denota a ideia de uma aproximação entre indivíduos, de um compromisso ajustado entre pessoas; no Dicionário Analógico, ele é traduzido por “contrato”.

A propósito de compromisso, Marilena Chauí (2002) analisa os acontecimentos que levaram à ruptura entre Merleau-Ponty e Sartre, justificada pela divergência de posição entre os dois.

Não obstante o fato de terem compartilhado ideias durante os anos em que frequentaram a universidade, os filósofos romperam ligações – pessoais e profissionais – ao defenderem posições distintas acerca daquilo que entendiam por “engajamento”; durante anos, Sartre e Merleau-Ponty permaneceram juntos na recusa aos propósitos da filosofia universitária francesa, bem como, em parceria, apontaram as contradições presentes na filosofia da história do Partido Comunista Francês. Na fundação da revista *Les Temps Modernes*, os filósofos construíram um projeto editorial que expôs, durante certo tempo, concepções partilhadas.

Contudo, é por ocasião da prisão do secretário-geral do Partido Comunista Francês, Jacques Duclos, que Sartre modifica sua posição política – antes atrelada ao anticomunismo – e passa a interferir na produção da revista. É neste contexto que Merleau-Ponty começa a distanciar-se do amigo, cobrando dele a “entrega de um engajamento às cegas” (p.264) e estrutura suas considerações na concepção da impossibilidade de uma conciliação entre filosofia e política. Sartre, por sua vez, cobra do parceiro o fato de “não se engajar verdadeiramente” (p.264) e afirma que, na relação com o mundo, devemos estar constantemente atentos aos acontecimentos cotidianos.

Se os filósofos divergiram com relação à concepção de engajamento, Silvia Lane, por sua vez, soube explicitar sua compreensão acerca do tema: suas proposições estiveram, desde sempre, comprometidas com um trabalho estruturado sob a égide de pressupostos éticos – convergentes à sua luta por uma transformação social. Atenta aos problemas enfrentados em seu país – embora não somente nele –, Lane jamais desistiu de expor a necessidade de uma experiência emancipatória que garantisse o protagonismo dos grupos excluídos.

Nesta perspectiva, compreender a indiferença significa analisar ideias e valores, explicitando o caráter histórico em que se estruturam; representa uma tentativa de elucidar a constituição da ideologia que perpassa as relações humanas, os propósitos individuais, as escolhas grupais.

3. UM POUCO SOBRE SILVIA LANE E SUA OBRA

Na área acadêmica, Silvia Lane garantiu contribuições à produção de conhecimento científico e consolidou a formação de uma Psicologia comprometida com a transformação social – fundamentada em reflexões críticas e éticas acerca do papel do psicólogo na realidade brasileira. Seu primeiro contato com a área ocorreu por ocasião de suas atividades no curso de Filosofia da Universidade de São Paulo, no qual ingressou no ano de 1952. Desde então, seu interesse pelas questões relativas ao conhecimento psicológico jamais cessou. No ano de 1955, ainda graduanda, Lane ganhou uma bolsa de estudos para o Wellesley College, USA, onde teve oportunidade de aprofundar suas pesquisas sobre o tema; no ano seguinte, de volta ao Brasil, concluiu o bacharelado e a licenciatura em Filosofia. Em 1957, tornou-se professora de Psicologia Geral na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha de São Paulo. A prática docente, associada a outras atividades já realizadas³, possibilitou a Lane a compreensão de aspectos psicológicos envolvidos na construção dos saberes de diferentes grupos sociais; assim, na década de 1960, a professora iniciou seus primeiros estudos sobre a Linguagem.

No ano de 1965 -- três anos após a criação, no Brasil, dos cursos de psicologia e da profissão de psicólogo --, Lane ingressou na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, ministrando a disciplina de Psicologia Social e da Personalidade. Concluiu sua tese de doutoramento na mesma universidade e, nesse mesmo período, inaugurou uma série de publicações (artigos e palestras), que traduziram suas reflexões acerca da necessidade da formação crítica do psicólogo. Também na PUCSP, Lane ocupou importantes cargos administrativo-acadêmicos e participou da fundação, no ano de 1972, do Curso de Mestrado em Psicologia Social.

³ Lane foi pesquisadora na Divisão de Estudos e Pesquisas Educacionais do Centro de Pesquisas Educacionais de São Paulo, órgão do INEP, criado por Anísio Teixeira em 1957. Trabalhou então com Joel Martins, professor de Psicologia (FFCL/USP).

A preocupação com a realidade brasileira foi uma constante nos projetos desenvolvidos por Silvia Lane; desde seus estudos sobre a Linguagem, a pesquisadora demonstrou estar atenta às especificidades da psicologia desenvolvida em seu País, adaptando e transformando estudos já validados em outros continentes. Na prática docente, ocupou-se em formar alunos comprometidos com a transformação social. Não obstante, Lane reconheceu, no início das atividades profissionais, os limites ocasionados pelas ditaduras militares vigentes em diferentes países da América Latina -- que dificultavam a consolidação de um processo de mudança.

Suas reflexões acerca do papel da universidade e também sobre a própria Psicologia Social orientaram sua prática, justificando a constante revisão de suas proposições metodológicas. Assim, Silvia Lane teve contato com a obra de autores europeus e norte americanos, buscando, sempre, aprofundar seus estudos sobre o indivíduo. No ano de 1985, em entrevista concedida à *Psicologia, Ciência e Profissão*, a pesquisadora explicita sua concepção acerca da prática profissional em Psicologia, referindo-se também à fundamentação teórica que a baliza:

Na medida em que se tem a concepção do homem como produto e agente histórico-cultural, a atuação do psicólogo tem que ser mais consequente. Ele não vive mais aquela dicotomia teoria x prática, mas teoria e prática têm de vir juntas; então a prática tem que ser constantemente refletida, revista e reformulada. Na medida em que se pensa o Homem de uma outra forma, tem-se de pensar a atuação profissional também de outra forma. (1985b, p.20)

É nesse período que Lane dedica-se, junto de seus alunos, a desenvolver e ampliar os trabalhos nas comunidades - consolidando e garantindo visibilidade a projetos já iniciados em anos anteriores. Com o propósito de conhecer as atividades de pesquisa de outras universidades da América Latina, planeja uma viagem em parceria com a Professora e

Pesquisadora Maria do Carmo Guedes. Os países visitados incluíram: Venezuela, Colômbia, México, Cuba, Equador e Peru⁴

O contato com outras propostas de intervenção em comunidades - desenvolvidas nos Países visitados - ratificaram, para Lane, a necessidade de um intercâmbio de informações entre as universidades. Da pesquisa realizada nos diferentes locais, resultaram, de acordo com Guedes (2007b, p. 44) novas referências metodológicas e novos procedimentos de análise de dados. Todos eles partilhados com os estudantes da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Nos trabalhos com grupos, Sílvia Lane pôde constatar que, por meio das relações estabelecidas, os indivíduos poderiam movimentar-se no sentido da construção de uma maior autonomia ou, contrariamente, permanecerem submetidos à heteronomia imposta pela lógica do capital. Garantindo a fundamentação teórica de suas proposições, a pesquisadora encontrou interlocutores em toda a América Latina e também no continente europeu. É nessa época que Lane estrutura a proposta de uma Psicologia baseada em uma epistemologia materialista histórica e dialética, tal como explicita em publicação realizada no ano de 1995:

(...) o psiquismo humano se constitui na materialidade histórica de cada sociedade, de cada cultura (...) A ciência psicológica é por consequência do seu objeto de estudo, relativa: se o ser humano se constitui em função de sua história social e cultural, o saber sobre ele será também necessariamente particular, sem, no entanto, deixar de se estruturar em categorias universais como são a Atividade, Consciência e Identidade (ou Personalidade). (p.74)

⁴ No projeto encaminhado ao CNPq, Nicarágua estava incluída. No entanto, foram impedidas pelo golpe na revolução sandinista que dirigia o país desde 1979.

Assim, retomando as obras de autores como Vigotski e Leontiev, Lane dedica-se a estudar as três categorias fundamentais do psiquismo humano, analisando-as dialeticamente e de acordo com as mediações que lhe são inerentes.

A obra de Silvia Lane envolve a produção e organização de livros, publicações em periódicos científicos e também a colaboração em pesquisas sobre diferentes temas concernentes à psicologia; suas exposições orais – em seminários, palestras, etc. – foram igualmente importantes, garantindo visibilidade ao conhecimento estruturado ao longo de sua carreira acadêmica. A tabela a seguir expõe a lista completa das publicações de Lane, além de referências a dois textos inéditos.

Tabela 2 – Publicações de Silvia Tatiana Maurer Lane

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Levantamento da Situação do Ensino Primário em São Paulo	Pesquisa realizada no Centro regional de pesquisas Educacionais de São Paulo, publicada como trabalho da equipe.	1957a	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano I, n. 1.
Projetos de Escalas de Escolaridade para a Escola Primária	Pesquisa realizada no Centro regional de pesquisas Educacionais de São Paulo, publicada como trabalho da equipe	1957b	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano I, n. 1.
Escalas de Escolaridade	Publicadas como trabalho da equipe	1958	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano II, n. 2.
Escalas de Escolaridade	Publicada como trabalho da equipe	1959	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano III, n. 3.
Escalas de Escolaridade (Relatório Final)	Publicada como trabalho da equipe	1960a	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano IV, n. 4.
Levantamento do Vocabulário Infantil (projeto)	Publicado como trabalho da equipe	1960b	<i>Pesquisa e Planejamento</i> , Ano IV, n. 4.
O Significado Psicológico de Adjetivos Utilizados no Diferencial Semântico de C. Osgood		1969	<i>Revista de Psicologia Normal e Patológica</i> , vol. XV, 3-4, 267-294.
Significado Psicológico de Palavras em Diferentes Grupos Socio-culturais		1972	<i>Revista de Psicologia Normal e Patológica</i> , ano XVIII, ns. 3 e 4

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Semantic Differential Scales for Portuguese Speakers		1973c	<i>Internacional Journal of Psychology</i> , vol. 8, n. 2
Um Estudo Psicológico de um Grupo de Crianças de Oito Anos de Idade	Em co-autoria	1973b	Boletim de Psicologia, XXV, n. 65, <i>Revista da Sociedade de Psicologia</i> de São Paulo.
Comentários sobre Psicologia da Linguagem		1973a	Anais do XVI Congresso Interamericano de Psicologia, 1973:163.
Significado Psicológico de Saúde como função de Contingências Grupais em duas Faculdades de São Paulo	Wanda A. Horta	1976a	<i>Revista da Escola de Enfermagem da USP</i> , vol. X, n. 1
O Significado Psicológico de Palavras Relacionadas à Saúde para Diferentes Grupos de Professores	Wanda A. Horta	1976b	<i>Revista da Escola de Enfermagem da USP</i> , vol. X, n. 2
Significado Psicológico de Hospital - Um Estudo	Wanda A. Horta	1978b	<i>Enfermagem em Novas Dimensões</i> , n. 6
Uma prática do psicólogo social numa área chamada clínica		1978a	Anais da VIII reunião de Psicologia, Ribeirão Preto, pp. 176 -78.
Uma redefinição da Psicologia Social		1980b	<i>Educação e Sociedade</i> , São Paulo, II, n. 6, pp. 96-103.
Significado Psicológico de Família, Política e Moral para Adolescentes em Escolas de 2.º Grau de São Paulo	Em colaboração	1980c	<i>Cadernos PUC</i> , n. 4, EDUC-Cortez Editora.

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
A psicologia Social como Ação Transformadora (Apresentação na 32. ^a Reunião Anual da SBPC)		1980a	<i>Anais</i> do I Encontro Brasileiro de Psicologia Social, São Paulo, PUC-SP, pp. 65-71.
Uma análise dialética do processo grupal	Em colaboração	1981a	<i>Cadernos PUC</i> - Psicologia, n. 11, pp. 95-107.
Literatura... pra quê? (Libertadora de dominações)		1981c	<i>Leia</i> , ano IV, n. IV, n. 38. Ed. Brasiliense.
Apresentação de <i>Revista de Pós-Graduação em Psicologia Social</i>		1981b	PUC-SP, ano 1, n. 2.
<i>O que é Psicologia Social</i>		1981e	Brasiliense: São Paulo
Psicologia Comunitária na América Latina		1981d	<i>Anais</i> , do I Encontro Regional de Psicologia na Comunidade. São Paulo: PUC-SP, pp. 5-9.
O mundo através das Palavras		1983a	<i>Cadernos PUC</i> - n. 15 - Psicologia - EDUC-Cortez.
Ideologia no nível do Indivíduo	Em colaboração	1983b	<i>Educação e Sociedade</i> , n. 6.
Definição ou definições de psicologia social		1984a	<i>Revista de Psicologia Social</i> , São Paulo: PUC, ano III, n. 6, pp. 6-8.

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
<i>Psicologia Social - o homem em movimento</i>	Organização com o Prof. Wanderley Codo	1984b	São Paulo, Brasiliense.
A Psicologia Social e uma nova concepção de homem para a Psicologia.		1984	In <i>Psicologia Social - o homem em movimento</i> , pp. 10-9.
Linguagem, Pensamento e Representações Sociais		1984	In <i>Psicologia Social - o homem em movimento</i> , pp. 32-9.
Consciência, Alienação: a Ideologia no nível individual		1984	In <i>Psicologia Social - o homem em movimento</i> , pp. 40-7.
O processo grupal		1984	In <i>Psicologia Social - o homem em movimento</i> , pp. 78-98.
Reverendo a prática da psicologia social		1985b	<i>Psicologia, Ciência e Profissão</i> , ano 5, n. 1, pp. 20-1.
Apresentação de <i>O Pica-pau: Herói ou Vilão? Representação social da criança e a reprodução da ideologia dominante</i>		1985a	In <i>O Pica-pau: Herói ou Vilão? Representação social da criança e a reprodução da ideologia dominante</i> , de Elsa Dias Pacheco, Edições Loyola, São Paulo.
Psicanálise ou Marxismo: Dilema da Psicologia Social?		1986	<i>Psicologia e Sociedade. Revista da ABRAPSO</i> , ano 1, n. 2
Apresentação. In <i>A estória de Severino e a História de Severina</i>		1987	In <i>A estória de Severino e a História de Severina</i> , de Antônio da Costa Ciampa. Ed. Brasiliense, São Paulo,

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Psicologia Social: Teoria e Prática		1988b	<i>Psicologia e Sociedade. Revista da ABRAPSO</i> , ano IV, n. 6.
Problemas Teóricos Metodológicos em <i>Psicologia Social</i>		1988a	<i>Psicologia e Sociedade. Revista da ABRAPSO</i> , ano IV, n. 6.
Compromisso social e prática profissional		1988	Não publicado
Uma técnica de análise de discurso		1990	<i>Psicologia e Sociedade. Revista da ABRAPSO</i> , ano IV, n. 7.
Community Social Psychology in Brazil	Em colaboração com Bader B. Sawaia	1991a	<i>Applied Psychology: An International Review</i> , 40(2), pp. 119-42.
Psicologia: Ciência ou Política?	Em colaboração com Bader B. Sawaia	1991b	In <i>Acción y Discurso</i> , org. por Maritza Montero, Eduven, Venezuela.
Psicologia: Teoria e Prática		1991c	<i>Anais do III Encontro Científico da ANPEPP</i> .
Usos e Abusos do Conceito de Representações Sociais		1993b	In <i>O conhecimento Quotidiano - As Representações Sociais na Perspectiva da Psicologia Social</i> (Org. Mary Jane Spink). S. Paulo, Brasiliense.
Um Pouco da História da Psicologia Social no Brasil		1993a	<i>Anthropos</i> , n. 156, pp. 72-6, Barcelona.

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Psicologia Comunitária e os Avanços da Consciência Popular		1994	<i>Anais do VI Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico</i> , B. Horizonte, UFMG e ANPEPP.
<i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>	Organizado em colaboração com Bader B. Sawaia	1995a	São Paulo: EDUC e Brasiliense.
Apresentação em colaboração com Bader B. Sawaia. In <i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>		1995	In <i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>
A Mediação Emocional na Constituição do Psiquismo Humano		1995	In <i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>
Avanços da Psicologia Social da América Latina		1995	In <i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>
Contribuições de Vigotski para o estudo das Emoções	Em colaboração com Denise de Camargo	1995	In <i>Novas Veredas da Psicologia Social</i>
La Psicología Social Comunitaria en Brasil	Em colaboração com Bader B. Sawaia	1995b	In <i>Psicología Comunitaria - Contribuciones latinoamericanas</i> . Orgs. Wiesenfeld, E. e Sanchez, E., Caracas, Fondo Ed. Tropykos
Parar para Pensar e Depois Fazer		1996c	Entrevista para <i>Psicologia e Sociedade</i> , vol. 8, n. 1 (13 pp.).
Histórico e Fundamentos da Psicologia Comunitária no Brasil		1996b	In <i>Psicologia Social Comunitária - Da Solidariedade à Autonomia</i> , Org. Regina Helena Freitas Campos. Petrópolis, Vozes (27 pp.).

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Estudos sobre a Consciência		1996a	In <i>Psicologia e Sociedade</i> , vol. 8, n. 2 (10 pp.).
A Linguagem e a Constituição do Sujeito		1997	In <i>O Sujeito entre a Língua e a Linguagem</i> . Orgs. Erika Maria Parlato e Lauro F. B. da Silveira. Ed. Lovise, S. Paulo.
As emoções e a criatividade		1997	Não publicado
Processo Grupal na Perspectiva de Ignacio Martín-Baró: Reflexões acerca de seis contextos concretos	Em colaboração com M. de Fátima Q. de Freitas	1998d	<i>Rev. Interamericana de Psicología</i> , vol. 31, n. 2, pp. 293-308, Venezuela.
O Poder em Pequenos Grupos		1998a	<i>Anais do VII Encontro Regional da ABRAPSO-SP</i> , Bauru: UNESP.
Desafios contemporâneos para a psicologia social		1998b	<i>Anais do VII Encontro Regional da ABRAPSO-SP</i> , Bauru: UNESP, pp. 36-7.
A psicologia comunitária e a institucionalização da psicologia		1998c	Hutz, C. (Org.). Simpósio de Pesquisa e Intercâmbio Científico, VII, Gramado. <i>Anais...</i> Gramado: ANPEPP, p. 109.
Ideology and Consciousness		1999	In <i>Theory & Practice</i> , vol. 9 (3): pp. 367-78. Sage Publications, London.

Nome	Co-autoria	Ano de publicação	Local de Publicação
Arqueologia das Emoções	Organização em colaboração com Araújo, Y.	2000b	Ed. Vozes, Petrópolis.
Introdução Teórica		2000	In <i>Arqueologia das Emoções</i> , Lane, S.T.M., (pp. 13-34). Ed. Vozes.
Conclusões		2000	In <i>Arqueologia das Emoções</i> , Lane, S.T.M., (pp. 119-20). Ed. Vozes.
A Psicologia Social na América Latina: por uma ética do conhecimento		2000c	In Guareschi, P; Campos, R. H. F. (Orgs.). <i>Paradigmas em Psicologia Social - a perspectiva latino-americana</i> . Petrópolis: Vozes.
ABRAPSO: entre o passado e o futuro.		2000a	<i>Anais do VII Encontro Regional da ABRAPSO</i> , Piracicaba, UNIMED.

Nota: Esta tabela reproduz a ordem de publicações descrita na obra de B. Sawaia (2001); além dos trabalhos já citados pela autora, também contém palestras de Lane não publicadas. A utilização das letras minúsculas ao lado das datas segue a normatização proposta pela APA (2012).

4. COMPREENDENDO A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE INDIFERENÇA NA OBRA DE SILVIA LANE

Tema abordado por Lane ao longo de sua obra, a questão da Indiferença revelou-se um caminho possível para uma análise consistente das interações sociais, dos laços que as mantêm, das condições históricas que fragilizam - e fragmentam - as consciências individuais -- além de constituir um ponto fundamental de reflexão acerca do papel ético e político do psicólogo.

Para o presente estudo, procedemos, inicialmente, à leitura de fontes primárias e inéditas (Memorial e palestras não publicadas) e de textos publicados por Silvia Lane; a partir dessa aproximação, optamos, seguindo descrições já realizadas pela autora, por subdividir o capítulo conforme três diferentes momentos de sua obra, quais sejam: 1) Psicologia da Linguagem; 2) Da Prática à Práxis; 3) Das emoções e dos afetos. Além dos textos de sua autoria, utilizamos também fontes secundárias, cujos relatos traduzem a relevância social dos trabalhos desenvolvidos por Lane.

As publicações atribuídas ao primeiro tema - Psicologia da Linguagem - datam de um período em que a pesquisadora esteve envolvida com atividades de ensino, particularmente com a docência na Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo, na Escola de Enfermagem da Cruz Vermelha e também nas aulas de graduação do curso de Psicologia na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Os textos produzidos no período posterior -- ao qual nomeamos "Da Prática à Práxis" - - remetem a uma época em que Lane esteve envolvida com os estudos sobre Processos Grupais e, especialmente, com a Psicologia produzida nas comunidades; trata-se de um momento de intensa produção acadêmica, marcado por constantes questionamentos acerca da prática profissional do psicólogo.

O terceiro período, "Das emoções e dos afetos", revela o amadurecimento da obra, expresso em duas principais publicações: *Novas Veredas da Psicologia Social* (1995) e *Arqueologia das Emoções* (2000). Os documentos em questão expõem importantes considerações acerca da dialética homem/sociedade e dedicam-se, particularmente, à tradução da mediação emocional na constituição do psiquismo humano.

4.1 - A Psicologia da Linguagem como suporte para uma Psicologia que é social

Silvia Lane interessou-se pelos estudos sobre a Linguagem, quando, ainda jovem, pode conhecê-los por meio do contato com um parente próximo, por quem mantinha grande admiração. Em documentário que a homenageia, realizado pelo CFP (2004), revela: *“Meu tio era teólogo e filólogo (...) eu adorava conversar com meu tio sobre a questão da filologia... Linguagem já vem daí, né?! O meu interesse pela Linguagem (...) O meu ambiente era muito intelectual”*.

Foi durante a realização de sua tese de doutoramento, entretanto, que Lane teve seu primeiro contato com os estudos de Charles E. Osgood⁵, conhecendo, por meio deles, a técnica do Diferencial Semântico⁶. O instrumento elaborado pelo pesquisador garantia à Lane a possibilidade de detectar as especificidades de diferentes comunidades linguísticas e avaliar, criteriosamente, características da ideologia ocultada em cada uma delas. Nas suas palavras:

[se] (...) considerarmos a língua na sua dimensão e função histórica, se desenvolvendo-se por meio do trabalho humano, criando relações sociais e as mantendo para que as relações de produção deem persistência a uma determinada estrutura social, a linguagem, com seus significados, preexiste ao indivíduo e, enquanto função simbólica, se encarrega de transmitir valores inerentes a uma representação falseada da realidade, que garanta tanto a manutenção das condições sociais, quanto a imagem de uma sociedade que, na melhor das hipóteses, evolui de acordo com os interesses de quem detém o poder. (1983a, p. 122)

⁵ Psicólogo norte-americano, conhecido por seus estudos na área de psicolinguística.

⁶ De acordo com Silvia Lane (1983a): “(...) técnica desenvolvida por Charles E. Osgood e colaboradores, que se apresentou, na ocasião, como um instrumento adequado para estudar (...) a comunicação entre pessoas de diferentes níveis socioeconômicos (...) é constituída, basicamente, por escalas de sete intervalos, tendo em cada extremo dois adjetivos opostos, através dos quais os sujeitos devem avaliar palavras.” (p.123).

No ano de 1967, aproximando-se da perspectiva teórico-metodológica proposta por Osgood, Lane desenvolveu, na cidade de São Paulo, uma pesquisa que, segundo sua descrição, caracterizou-se como uma investigação “(...) primordialmente social, à procura de indicadores de condições que pudessem responder por diferenças ou semelhanças nos significados psicológicos de diferentes palavras para indivíduos de diferentes grupos étnicos e sócio-econômicos” (1983a, p. 123). Com este trabalho, a autora iniciou um pesquisar atento à realidade de seu país, implicado com indagações acerca do papel da linguagem como mediadora das relações sociais.

Anos depois, em 1973, Lane e sua equipe foram convidadas, por Osgood, a participar de uma pesquisa intercultural, que teria como finalidade a elaboração de um Atlas de Significados Afetivos. O projeto previa a participação de sujeitos de diferentes comunidades linguísticas em todo o mundo, os quais teriam oportunidade de avaliar, por meio da escala proposta pelo Diferencial Semântico, seiscentas e vinte palavras – às quais atribuiriam um valor correspondente, através de escalas de adjetivos bipolares.

Na Análise dos Resultados, a pesquisadora aponta para condições peculiares à realidade brasileira como possíveis engendradoras de significados. Assim, ao expor substantivos depreciados pelos grupos estudados, explicita:

[Do mesmo modo que *Cigano*] também *Inimigo*, que é naturalmente desvalorizado, mas na comparação com os resultados de outros grupos latino-americanos, nota-se que é considerado como mais fraco e mais passivo, sugerindo uma certa distância, possivelmente devido à ausência, em nossa cultura, de conflitos e guerras. (1983a, p. 137)

Em pesquisa realizada no ano de 1976 – já concluída a pesquisa intercultural, iniciada anos antes – Lane propõe identificar o significado psicológico de saúde para grupos de duas faculdades de São Paulo, quais sejam: Psicologia e Enfermagem. O problema consistia em

“saber quais as condições existentes em uma escola, responsáveis pela formação ou mudanças de significados psicológicos atribuídos ao binômio saúde-doença do ser humano” (p.15).

Estes primeiros trabalhos sobre linguagem, assim como os outros que os sucederam, indicavam para Lane (1983a) um importante campo de trabalho para a Psicologia Social. Dizia ela:

se compreendermos como o indivíduo, através de suas relações sociais, num momento histórico da sociedade em que vive, representa a sua realidade por meio da linguagem apreendida, podemos dar a ele recursos para transformar essa sociedade, assumindo de fato seu papel de sujeito da história. (p.122)

Por meio desta afirmação, Silvia Lane explicitou seu compromisso com um fazer atento à realidade social e adequado à compreensão das peculiaridades das diferentes comunidades linguísticas. Suas considerações acerca do importante papel da linguagem como mediadora nos processos de comunicação e interação social perpassaram toda sua obra e fundamentaram suas análises sobre o desenvolvimento individual – sem desconsiderar sua intrínseca conexão com as condições históricas e sociais. Lane ressaltava a importância de localizar a palavra como reprodutora de significados e de visões de mundo; em obra publicada no ano de 1984, retomando os estudos de Leontiev, explicitou a ideia de que a linguagem, produzida no coletivo, ganhava acepções distintas ao encontrar o nível individual:

(...) se, por um lado, os significados atribuídos às palavras são produzidos pela coletividade, no seu processar histórico e no desenvolvimento de sua consciência social, e, como tal, se subordinam às leis histórico-sociais, por outro, os significados se processam e se transformam através de atividades e pensamentos de indivíduos concretos e assim se individualizam, se “subjetivam”, na medida em que “retornam” para a atividade sensorial do mundo que os cerca, através das ações que eles desenvolvem concretamente. (p.33)

Por meio de suas considerações, a pesquisadora explicitou, uma vez mais, a importância de compreender a construção dos sentidos pessoais – que constituem a dimensão subjetiva dos significados socialmente engendrados – em sua intrínseca relação com a ideologia dominante, que, de forma falaciosa, garantiria a manutenção das condições de dominação e exploração. A propósito do tema, Lane (1984b) retoma a obra de Terwilliger (1968), explicitando suas análises acerca da ascendência da linguagem sobre as relações sociais. Lembra que o autor “(...) afirma ser a palavra uma arma de poder, demonstrando o quanto a imposição de um significado único e absoluto à palavra é uma forma de dominação do indivíduo”(p.34). Ressalta ainda que o único modo de opor-se à tal subjugação seria contrapor diferentes significados possíveis e a realidade – expondo, assim, outras “verdades” além da apresentada.

A naturalização das contradições surgiria, pois, como resultado da construção de “imperativos categóricos”, que se apresentariam por meio da imposição de significados únicos; nestas condições, a linguagem teria o papel de mediadora em um processo de consolidação da ideologia dominante -- constituída por aqueles que, detendo o capital, assumiriam o lugar de centralizadores de valores absolutos.

Lembrando a importância do coletivo na produção de significados – que muitas vezes tendem à manutenção do *status quo* – Lane (1984b) lembra “(...) o quanto a autoridade é cercada de valores e de emoções que a tornam inquestionável e absoluta, reproduzindo relações sociais esperadas pelo grupo” (p.35). Explicita, ainda, que no grupo se constroem as representações sociais, resultantes de situações de interação, nas quais o indivíduo estabelece relações entre diferentes situações e seus possíveis significados. A propósito, Lane (1984b) cita Malrieu⁷, para quem

⁷ Psicólogo e filósofo francês, Phillippe Malrieu foi professor na Faculdade de Letras e Ciências Humanas de Toulouse, dedicando-se, principalmente, aos estudos sobre a Linguagem e sobre a Psicologia Infantil. Nasceu em 19 de maio de 1912 e faleceu em 27 de fevereiro de 2005.

a representação social se constrói no processo de comunicação, no qual o sujeito põe à prova, através de suas ações, o valor – vantagens e desvantagens – do posicionamento dos que se comunicam com ele, objetivando e selecionando seus comportamentos e coordenando-os em função de uma procura de personalização. (Malrieu apud Lane, 1984b, p. 35)

Silvia Lane analisa também a construção de representações sociais; revela que elas traduzem, por meio do texto oral, as concepções de mundo individuais. Ressalta ainda que tais ideias se constituem no dia a dia, na interação com o outro, no compartilhar de informações entre pessoas. Ressalta que a institucionalização de valores e regras tende à manutenção do *status quo*, reproduzindo uma lógica que produz – e reproduz – o individualismo e uma concepção de sociedade que legitima as relações de autoridade e subordinação, além de naturalizar as contradições sociais.

4.2 - Da Prática à Práxis: um novo papel para o psicólogo

A constante preocupação com a realidade brasileira e a clareza da importância da construção de uma prática profissional realmente implicada com os interesses do País garantiram os subsídios necessários para que Lane participasse da criação, no ano de 1980, da Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPSO) que, em consonância com seus propósitos de construção de um trabalho socialmente comprometido, estabeleceu um importante espaço de elaboração – e divulgação – de conhecimento.

Os anos seguintes revelaram-se um período de intensa produção intelectual, em que Lane publicou dois livros⁸, expôs suas ideias em congressos internacionais e teve oportunidade de conhecer a realidade latino americana de forma singular: Peru, Venezuela, Cuba, México, Colômbia, Porto Rico e Equador foram os destinos nos quais a pesquisadora teve contato com as questões cruciais de diferentes países. Também entre as décadas de 1970 e 1980, Lane ampliou seu contato com a obra de autores da psicologia soviética, garantindo, por meio desse conhecimento, a constante revisão crítica de suas proposições teórico-metodológicas.

Em entrevista concedida à revista *Psicologia, Ciência e Profissão* (1985b) Lane retoma a importância de pensarmos em uma psicologia pautada por questões próprias do contexto latino americano. Lembra ainda que a Psicologia Social norte americana, envolvida, desde as origens, por um pragmatismo próprio da sociedade que a engendrou, não servia à realidade que desejávamos estudar:

Na origem da Psicologia Social já se encontram duas preocupações básicas: a aplicação prática – na seleção de pessoal, ao encontrar habilidades de relações sociais, etc. – e a questão das atitudes. Essas duas linhas vêm percorrendo a Psicologia Social

⁸ *O que é Psicologia Social e Psicologia Social, o homem em movimento.*

até hoje. Acredito que isso está extremamente vinculado às condições históricas, sobretudo norte-americanas, porque é nos EUA que a Psicologia Social realmente se desenvolve. Para nós o problema se coloca em termos de América Latina; como adaptar, ou transportar, para a nossa realidade, uma Psicologia Social que se desenvolve num país com as características norte-americanas? Nós sentimos que ela tinha muito pouco a ver com a nossa realidade, acabava ficando restrita ao meio acadêmico. (p.20)

Na mesma ocasião, Lane faz uma observação que expõe os obstáculos gerados por uma tradição positivista que, em nome de uma pretensa objetividade, tendia a manter as questões subjetivas isoladas do fato social. Nesse contexto, a pesquisadora considerava que

O indivíduo era o objeto de estudo e a concepção de social era apenas um cenário. Tínhamos de resgatar a subjetividade para a Psicologia Social, e mais, deixar de ver o indivíduo como produto de si mesmo; porque a característica fundamental do ser humano é ele ser um produto histórico e, ao mesmo tempo, agente do meio. (p.20)

E é a partir desta concepção de homem que Lane propõe uma ação profissional realmente implicada com questões próprias da América Latina, por meio de um trabalho que supere a dicotomia teoria e prática e garanta os subsídios necessários à construção de uma psicologia que considere o humano desde sua cultura e em sua historicidade.

Nessa mesma perspectiva, Lane expõe, em conferência realizada no IV Encontro Mineiro de Psicologia Social, no ano de 1988, suas considerações sobre a importância de compreender o movimento de consciência individual, vinculando-o aos processos grupais que participam de sua constituição; retoma a importância de que o fazer do psicólogo esteja implicado com proposições capazes de suscitar uma legítima transformação social. Sobre isso, observa a relevância de projetos ligados às comunidades, lembrando que, na América Latina, tais trabalhos ganharam uma denominação particular: Psicologia Comunitária. Interessada no

compartilhar de experiências – e conhecimento – com países cujas realidades se assemelhassem à brasileira, Lane dedicou-se a visitar universidades latino americanas.

Conforme sua narrativa:

Acreditamos que valha a pena fazer um rápido relato de algumas experiências nas quais o psicólogo assumiu um papel atuante junto a grupos, entidades, bairros, etc. São experiências das quais tivemos conhecimento, Maria do Carmo Guedes e eu, quando de uma viagem de intercâmbio científico em 1982.

Encontramos, em grande parte dos trabalhos desenvolvidos, como denominador comum, a ênfase na conscientização e na autonomia das comunidades. Por essa razão, a maioria das experiências se desenvolve a partir das universidades, por iniciativa de alguns professores e, em geral, contra os interesses do Estado. (1988, p.1)

Em suas descrições, Lane ressalta a importância de uma psicologia cujos propósitos sejam marcados pela construção de uma sociedade mais justa, na qual indivíduo e comunidade sejam protagonistas de suas histórias. A pesquisadora lembra, contudo, a importância de difundir e organizar o conhecimento engendrado pela área. E considera que “(...) o psicólogo é um cientista e cabe a ele sistematizar e divulgar o seu saber para que os verdadeiros agentes da transformação histórica possam se conduzir construtiva e conscientemente” (p. 4).

Os cursos ministrados por Lane tinham como característica a união entre teoria e prática: a teoria era constantemente revisitada, mas também as observações -- em situações naturais – e os experimentos eram, segundo sua concepção, indispensáveis à construção de conhecimento. A revisão sistemática da literatura em confronto com as análises oriundas das atividades práticas indicaram para a pesquisadora uma evidente contradição: “(...) os fatos tanto confirmavam como negavam as teorias” (p.4). Tais considerações apontavam o

surgimento de uma crise teórico-metodológica, que justificou a busca por novas referências – inclusive em áreas de conhecimento distintas:

Admitíamos a validade dos estudos estatísticos, dos *surveys* como procedimentos que descreviam uma realidade, porém, ao fazê-lo, ela se tornava estática, e o que queríamos era o processo, a história dos fatos, o movimento que os engendrava e os transformava. Negávamos a neutralidade científica, mas era necessário registrar o empírico, para que, através da análise fosse possível chegar às determinantes históricas, e retornar a ele com um novo saber em direção ao concreto.

Do positivismo, tínhamos que resgatar o respeito pelo empírico, pelo seu registro, porém sem fragmentar o indivíduo. A questão da unidade do evento era central – o sujeito tinha que ser caracterizado no conjunto de suas relações sociais, na história de seus grupos, de sua classe, de sua sociedade, o que tornava a pesquisa psicológica necessariamente pluridisciplinar. (1988, p.7)

Em *Avanços da Psicologia Social na América Latina*, texto publicado em 1995, Lane explicita que sua orientadora de pesquisa, Dra. Aniela Ginsberg, já anunciara a chamada “crise teórica da psicologia” por ocasião de sua participação em um congresso da Sociedade Interamericana de Psicologia (SIP), no ano de 1973. De acordo com Lane, Ginsberg “(...) apresentava resultados de pesquisas interculturais os quais apontavam para a relatividade dos comportamentos humanos e, mesmo, de características de personalidade em função de diferenças históricas, culturais e sociais, tudo indicando que não cabia à Psicologia, como ciência, ter leis universais.” Não obstante, Lane faz uma ressalva: “Por outro lado, porém, os trabalhos de Skinner comprovavam que o reforço positivo, em qualquer cultura, aumenta a frequência de um comportamento.” (p. 67)

Para além das indagações teóricas, as experiências ditatoriais, vividas pelos países latino americanos, fizeram com que a crise ganhasse também uma conotação política; de

acordo com Lane (1995), a universidade tornou-se um espaço de reflexão e questionamento, buscando garantir subsídios para a transformação social. Na graduação, a tentativa de promover uma revisão crítica dos conceitos fundamentou a constante interlocução entre teoria e prática. Nessa perspectiva, revisitou-se as obras de diferentes autores com o propósito de analisar – e ampliar – os estudos já realizados. Contudo, a pesquisadora lembra que os caminhos percorridos, nessa fase inicial, foram repletos de obstáculos e revelaram a dificuldade – por parte dos alunos, principalmente – em lidar com o vazio referencial que se apresentava. Lane observa que

A proposta era de se chegar a uma revisão crítica dos conceitos, porém, tanto os alunos como os monitores e auxiliares priorizavam o teórico, tornando os dados coletados exemplos dos conceitos estudados ou então eram exceções... A realidade captada não podia questionar um conhecimento científico elaborado a partir de experimentos de pesquisa tão bem controlados.

Esta crítica só foi possível muitos anos depois, em disciplinas do curso de pós-graduação, mediante revisões de experimentos e pesquisas indexados no *Psychological Abstracts* e mais em termos da inconsistência dos resultados encontrados do que de um confronto com a nossa realidade social. (1995, p. 68)

De acordo com Lane, foram muitos os autores que contribuíram com análises críticas acerca da Psicologia Social praticada em outros países: na França, Bruno (1851-1908), Poitou (1936-), Pêcheux (1938-1983) e Moscovici (1928-2014) foram apenas alguns deles. Sobre o mesmo período, a pesquisadora recorda a importância de autores como Politzer (1903-1942), George Mead (1863-1931) e Vigotski (1896-1934) para a construção de novas perspectivas de estudo – lembrando que este último teve especial importância nos estudos acerca do papel da linguagem na constituição do psiquismo humano.

A criticidade das análises teóricas implicava, necessariamente, a indissociabilidade entre teoria e prática; ambas deveriam constituir-se mutuamente, criando condições para o avançar da transformação social. Amparados por esta relação dialética, pesquisadores de diferentes partes da América Latina identificaram na Psicologia Comunitária as bases para as mudanças necessárias. A partir de relatos de pesquisa, Lane observou que “(...) a reflexão crítica oriunda das trocas que ocorrem em grupos, levando a um exame da realidade, é condição para avanços da consciência e alteração das práticas e interações cotidianas” (1995, p.71).

Apoiada por essa lógica e atenta às condições sociais latino americanas, Lane insiste na construção de uma prática profissional que implique conhecimentos da realidade e, simultaneamente, considere a importância da sistematização dos achados. No final dos anos 70 e início dos anos 80, a pesquisadora depara-se com a obra de Alex Leontiev, discípulo de Vigotski, e também tem oportunidade de conhecer os trabalhos de outros cientistas soviéticos, cujas produções haviam permanecido escondidas em decorrência da repressão stalinista. Fundamentando suas teorias e pesquisas em bases materialistas históricas e dialéticas, este grupo revela um saber que vai atender às ideias de Lane, favorecendo, à pesquisadora, a consolidação de uma prática realmente capaz de promover mudanças. Diz ela:

(...) a análise dialética, ao afirmar a unidade dos contrários, leva à superação da dicotomia subjetividade-objetividade no conhecimento do ser humano. A subjetividade se objetiva nas ações do homem sobre o seu meio, assim como este meio e o que o constitui objetivamente se tornam subjetivos no psiquismo humano.

É também a dialética que permite superar a velha contradição entre teoria e prática, em que a primeira se caracteriza pela elaboração de noções abstratas que se confundiam com o idealismo e, distanciados da realidade, impediam uma prática transformadora. (...) o saber e o pensamento têm suas raízes na realidade e, portanto,

nossas ações decorrentes deste saber atuam diretamente sobre a realidade. É a ciência como práxis. (p.74)

Desse modo, amparada por um saber que fundamenta reflexões profundas acerca do humano e, paralelamente, orienta uma atuação implicada com a transformação social, Lane constrói um conhecimento cujos propósitos revelam a consistência ética de suas afirmações teórico-metodológicas e reafirmam suas considerações acerca da realidade latino americana.

4.3 – Das emoções e dos afetos na obra de Silvia Lane

Os anos 90 refletiram um período de amadurecimento do processo de pesquisa, no qual a pesquisadora dedicou-se à interlocução com autores que contribuíssem, de modo consistente, à compreensão do sujeito e da subjetividade. As investigações realizadas no *Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Consciência e suas mediações* – constituído no fim da década anterior – foram fundamentais para a consolidação de suas formulações. Com o propósito de compreender o papel das mediações psicossociais na análise da dialética homem/sociedade, Lane dedicou-se, nesse período, à reflexão teórica acerca da mediação emocional na constituição do psiquismo humano. Sistematizando o conhecimento adquirido, a pesquisadora publicou, ainda nos anos 90, duas obras relevantes para a compreensão do tema: *Novas Veredas da Psicologia Social* (1995) e *Arqueologia das emoções* (2000).

Do primeiro livro, destacam-se dois textos nos quais Lane aborda o tema das emoções: “A mediação emocional na constituição do psiquismo humano” e “Contribuição de Vigotski para o estudo das emoções”; este segundo, rico em considerações históricas, expõe observações distintas – muitas vezes opostas – sobre a constituição das emoções. No artigo, Lane indica que o autor pesquisou o tema aproximando-se, por meio dele, dos estudos em psicologia. De acordo com ela, o pesquisador soviético compreendia que os aspectos psicológicos e fisiológicos compunham uma unidade e que o estudo do humano deveria contemplar os conhecimentos oriundos de ambos os assuntos:

O reconhecimento da unidade deste processo psicofisiológico nos conduz necessariamente a uma exigência metodológica completamente nova: não devemos estudar os processos psíquicos e fisiológicos de forma separada, pois que desligados do conjunto tornam-se totalmente incompreensíveis; devemos, pois, abordar o

processo em sua totalidade, o que implica em considerar ao mesmo tempo os aspectos subjetivos e objetivos. (Vigotski, 1991, p.100 apud Lane, 1995, p. 116)

Assim, é a partir desses pressupostos metodológicos -- observados por Vigotski -- que Lane e seu grupo de pesquisa passam a analisar a dialética objetividade-subjetividade; é também a partir desse olhar que o estudo da emoção ganha importância, levando os pesquisadores a compreendê-la como importante mediadora entre as categorias do psiquismo humano. As análises posteriores, decorrentes dos novos conhecimentos, conduz o grupo a “considerar a Afetividade como uma das categorias fundamentais, ao lado da Consciência e da Atividade, sendo a Identidade uma categoria-síntese da relação indivíduo-sociedade” (p.117).

Outro aspecto relevante da obra de Vigotski, também apontado por Lane, descreve a existência de leis distintas na organização do pensamento. De acordo ele “as leis que regem o pensamento emocional são totalmente diferentes das leis a que está subordinado o pensamento lógico discursivo” (Vigotski, 1972, p.68 apud Lane, 1995 p.117). Não obstante, lembra Lane, “o processo cognitivo nunca existe independente da emoção” (Lane, 1995, p.118).

As teorias sobre as emoções fizeram parte de inúmeros estudos ao longo de décadas, inculcando, em diferentes áreas do conhecimento, explicações biologizantes acerca do humano. Desde Darwin, surge uma série de explicações que indica ser a emoção um processo orgânico, relacionado aos aspectos mais primitivos da existência humana. Lane lembra uma importante asserção de Vigotski, quando este afirma, em conferência⁹ sobre as emoções na infância, que Freud foi um dos primeiros autores a questionar a ideia de que a pesquisa sobre as emoções deveria ser feita a partir de pressupostos, já conhecidos, sobre os componentes orgânicos

⁹ Conferência “O desenvolvimento das emoções na idade infantil, publicada no livro *Lezione di psicologia*.

inerentes a elas. Na mesma exposição, indica também o trabalho de Adler como uma importante referência para o estudo do tema, pois demonstra

(...) que a emoção por ter seu significado funcional está ligada não só à situação instintiva na qual se manifesta, como se observa, em particular nos animais, mas é um dos elementos que formam o caráter e demonstrou que as ideias gerais do homem sobre a vida, a estrutura de seu caráter, por um lado, se refletem em uma determinada parte da vida emotiva, por outro, são determinadas por essas emoções. (Adler apud Lane, p.121)

Em Vigotski, Lane (1995) encontra explicações acerca do dinamismo das funções psíquicas. Lembra que, para o autor, “a emoção não poderia ser estudada isoladamente, mas através das relações que estabelece com as outras funções psíquicas, formando um sistema funcional como um conjunto dinâmico” (Vigotski, 1990 apud Lane, p. 123). A autora também indica que, ao desenvolver o tema da análise interfuncional,

Vigotski começa analisando as funções mais simples (processos sensoriais e motores) e passa em seguida ao estudo das funções superiores (linguagem e pensamento). Mostra que as funções, no processo de desenvolvimento, entram em relações completamente novas com outras funções, alterando as conexões iniciais e formando uma nova ordem entre as funções, surgindo novas conexões. (p.124)

Lane destaca, explicitando as conclusões de Vigotski acerca do dinamismo dos sistemas psicológicos, o importante papel ambiental no processo de constituição do psiquismo. De acordo com suas palavras

(...) o significado que as funções adquirem na consciência das pessoas, determinando o aparecimento de novos sistemas e de novas formas de comportamento, surge a partir dos conteúdos extraídos pelo homem do meio social onde desenvolve suas atividades. (1995 , p. 126)

Sobre isso, o artigo “A mediação emocional na constituição do psiquismo humano” indica pesquisas que apontam para o caráter social das emoções. Neste texto, Lane revela que, em estudo sobre o movimento de consciência em mulheres faveladas, Bader Sawaia (1987) explicita informações que suscitam reflexões acerca dos aspectos ideológicos presentes no ocultamento das emoções; Friedman (1992) investiga a gênese da gagueira, identificando sua origem social; Lane também cita a tese de Edna Takahashi (1991), na qual a pesquisadora identifica a importância – constituída no social – do controle das emoções em grupos de enfermeiros.

Além das contribuições de Vigotski e Leontiev, Lane destaca a importância dos trabalhos de Agnes Heller e Wallon, que enfatizam a intrínseca relação entre emoção, linguagem e pensamento; ampliando tais considerações, Heller (1980, apud Lane, 1995, p. 58) sugere uma distinção entre sentimentos e emoções, ao afirmar que os primeiros teriam um caráter mais duradouro, enquanto os últimos teriam como característica o fato de serem temporários.

Lane (1995) ressalta a importância de Leontiev para o estudo do tema, acrescentando suas considerações acerca da configuração de características individuais:

Relendo Leontiev no capítulo referente à categoria Personalidade, verificamos que este autor considera as emoções e os sentimentos de extrema importância nas suas configurações, pois estão presentes no sistema motivacional que, levando à ação e à atividade, irão constituir características próprias que identificam a individualidade.

E acrescenta:

Se antes substituimos a categoria Personalidade por Identidade¹⁰, constituída no conjunto das relações sociais do Indivíduo, agora tudo parece indicar que a Afetividade seja tão fundamental para o ser humano quanto a Consciência e a Atividade. (p. 59)

Ampliando suas considerações acerca do tema, Lane aponta para uma característica do mundo contemporâneo, que tende a valorizar a racionalidade e desconsiderar – quando não depreciar – os afetos e emoções. Nessa perspectiva, a autora lembra que

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem nos identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. (1995, p. 62)

As reflexões acerca do importante papel das emoções e dos afetos permeiam as observações de Lane durante os anos seguintes. No ano de 1997, a pesquisadora aborda, em texto não publicado, a questão da "indiferença" e da "apatia" ao falar sobre as emoções e suas consequências; revela que passamos por um processo de "aculturação", por meio do qual aprendemos a agir – e reagir – de determinadas formas. Como parte deste "ajustamento social", nossas ações tenderiam a priorizar a racionalidade – evidenciando-a como a melhor escolha para a convivência coletiva. Em consequência, nossos medos e angústias seriam ignorados e nossas emoções, constantemente reprimidas. Surgiria, dessa dinâmica, reações de angústia e medo – frequentemente inexplicáveis. Conforme explicita:

(...) segundo Wallon (1983), uma emoção nos paralisa, mas também nos leva a pensar e agir.

¹⁰ A categoria foi substituída a partir do trabalho de Ciampa (1987) que “partindo de pesquisas na linha teórica desenvolvida por Scheibe, faz a crítica a um modelo funcionalista e retoma o interacionismo simbólico de George Mead, bem como os estudos de Goffman, à procura de um conceito de identidade que permitisse uma concepção de sujeito transformador e autor da história social” (Lane, 1995, p. 69).

Porém estudos também demonstram a existência do medo bom e do medo mau: o primeiro desafia a pessoa a enfrentar as causas que o provocaram, enquanto, no segundo caso, há uma apatia, [como se dissesse]: “Seja o que Deus quiser”. Ou seja, quando o impulso emocional não desencadeia o pensamento e a ação, pode levar à autodestruição. (p.4)

A discussão, já iniciada em *Novas Veredas da Psicologia Social* (1995), traduz sua constante preocupação em debater o caráter social e histórico das emoções e dos afetos.

Em *Arqueologia das emoções* (2000), Lane explicita os motivos de sua opção por estudar, principalmente, a linguagem e as emoções. Na parte I, intitulada “Os fundamentos teóricos”, afirma a importância dos temas para a compreensão da constituição individual, bem como dos processos intrínsecos a ela:

(...) a linguagem e as emoções, ambas permitindo a comunicação com o outro, seja ela expressiva, seja ela verbal, estão na base da construção do saber, manifestado por meio de representações sociais, da imaginação e mesmo da fantasia, mas também das ações, de projetos e de suas revisões (p.15).

Uma vez mais, Silvia Lane enfatiza a importância do grupo – e das relações estabelecidas dentro dele – na produção de significados de uma sociedade. É nesse livro que a autora descreve as relações entre linguagem e ideologia; afirma que nossas considerações sobre o mundo são explicitadas por meio do discurso e que, ao analisá-lo, é possível entrar em contato com as referências individuais. Explicita o conceito de *representações sociais* ao indicar:

Definimos *representações sociais* como sendo a verbalização de concepções que alguém tem a respeito do mundo que o rodeia (...) e nessas falas podemos detectar valores, ideologias, através das contradições. (Lane, 1996 apud Lane, 2000b).

Sobre as relações entre linguagem, ideologia e afetos, Lane acrescenta que o estudo de Osgood (1975) sobre o significado afetivo de palavras, foi de grande importância por demonstrar claramente a presença de conteúdos ideológicos nas concepções individuais. Nesta perspectiva nota que, ao permanecermos sozinhos, limitamos nossas possibilidades de reflexão e transformação, pois,

Quando trocamos ideias, representações sociais sobre o mundo que nos cerca, descobrimos que os nossos problemas não são individuais, mas sim estamos todos sob condições históricas semelhantes.

A ideologia tem por objetivo, principalmente, em nossas sociedades capitalistas, preservar o individualismo, introduzindo como concepção natural que a sociedade é constituída por relações de autoridade e subordinação, de dominação e submissão, estabelecendo como necessidades “naturais” a competição entre as pessoas. (Lane, 2000, p. 22)

É nessa perspectiva que o discurso hegemônico contribui para a naturalização das desigualdades, para o isolamento, para o afastamento das emoções – impedindo os movimentos de transformação humana, tão importantes para a construção de uma sociedade ética e comprometida com a coletividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Longe de encerrar suas considerações sobre o tema, Lane revela, em entrevista concedida em 2000, a preocupação com um tema de evidente relevância social: a indiferença. Suas reflexões, contudo, não se restringem à compreensão do conceito; na ocasião, a pesquisadora destaca, ao discorrer sobre Psicologia, a necessidade de um trabalho ético e comprometido. Diz ela¹¹:

Outro desafio que surgiu há pouco tempo é a apatia, o desinteresse. Alguém indiferente às coisas está negando a própria vida, a emoção, o afeto! Isso é terrível! Como se forma um sentimento de indiferença? Ele é a morte, é virar um robô. São desafios nos quais temos que aprofundar, pesquisar. Se assumirmos que a transformação social só se dará eticamente, quem mais do que nós psicólogos tem essa arma na mão? É exatamente esse pensar ético que deve estar presente onde o psicólogo estiver atuando. (Lane, 2000)

Silvia Lane faleceu em 29 de abril de 2006, deixando como legado a perspectiva de um trabalho atento às particularidades das diferentes sociedades – explicitadas na cultura e na história de cada coletivo; seus trabalhos apontaram caminhos para a elaboração – e implementação – de práticas realmente implicadas com os mais diversos movimentos de transformação social.

Sobre a riqueza do conhecimento produzido pela pesquisadora, cabe lembrar o estudo desenvolvido com os índios Xavantes¹² que, iniciado como trabalho de mestrado de um de seus orientandos, originou um projeto maior, subsidiado pela FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo); em texto de 1995, ao discorrer sobre os costumes da tribo

¹¹ Respondendo à questão de Ciampa: “Como seu aluno em 1965, primeira turma, vejo em sua carreira uma coerência ética, um avançar sem dogmatismos. O que você vem perseguindo e como vê as possibilidades da Psicologia agora?”

¹² O autor deste estudo é Marlito de Souza, citado por Lane em *Novas Veredas da Psicologia Social* (p.60)

em questão, Lane explicita uma de suas características mais marcantes, que é “a predominância das emoções nas relações sociais sobre o verbal ou racional” (p. 60).

Ao longo de sua obra – e especialmente após os estudos realizados com Osgood sobre o significado afetivo de palavras –, a pesquisadora dedica-se a conhecer o papel das emoções na constituição do psiquismo humano; suas proposições revelam, pesquisa após pesquisa, observações sobre a necessidade de compreender os aspectos subjetivos dos processos cotidianos – ressaltando, desde sempre, a relevância das dinâmicas grupais. Nessa perspectiva, Lane destaca a importância de valorizar o estudo das emoções, pois,

Emoção, linguagem e pensamento são mediações que levam à ação, portanto somos as atividades que desenvolvemos, somos a consciência que reflete o mundo e somos a afetividade que ama e odeia este mundo, e com esta bagagem identificamos e somos identificados por aqueles que nos cercam. (1995, p. 63)

Assim, Lane esclarece que a criticidade nas relações humanas e a não naturalização das desigualdades só é possível se tomarmos contato com nossas emoções – garantindo, dessa forma, condições favoráveis à construção de relações nas quais os indivíduos estejam realmente implicados uns com os outros. Ressalta também a importância do papel da universidade para a construção e implementação de práticas que deem conta de examinar a realidade em toda a sua complexidade, considerando os aspectos subjetivos dos processos cotidianos. Lembra, ainda, que a Psicologia Social, com os profissionais que a representam, é capaz de criar condições, junto a indivíduos e grupos, para o desenvolvimento da consciência social e para a construção de uma ética capaz de mobilizar a sociedade na construção de práticas que promovam a igualdade e valorizem a coletividade.

REFERÊNCIAS¹³

Andery, A. A.; Neto, A. N.; Ciampa A. C.; Carone, I.; Libâneo, J.C.; Reis, J. R. T. et al. (1984). *Psicologia Social: o homem em movimento* (S. T. M. Lane & W. Codo, orgs.). São Paulo: Brasiliense.

Azevedo, F. F. S. (2010). *Dicionário analógico da língua portuguesa: ideias afins/thesaurus*. (2a. ed. atual. rev.) Rio de Janeiro: Lexikon.

Azzi, R. G. (2011). Desengajamento Moral na Perspectiva da Teoria Social Cognitiva, Local. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 31(2), 208–219.

Bandura, A.; Azzi, R. G.; Polydoro, S. A. J. (2008). *Teoria social cognitiva: conceitos básicos*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Camargo, D.; Carone, I.; Monteiro, L. G. M.; Banchs, M. A.; Montero, M.; Galano, M. H. et al. (1995). *Novas Veredas da Psicologia Social*. (S. T. M. Lane & B. Sawaia orgs.). São Paulo: Brasiliense: EDUC.

CFP, Direção de Fernão Ciampa. *Silvia Lane: Estilo em movimento*. [DVD]

Chauí, M. (2002). Filosofia e engajamento. In Chauí, M. *Experiência do pensamento: Ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty*. (257-285). São Paulo: Martins Fontes.

¹³ De acordo com as normas de publicação da APA (American Psychological Association).

Ciampa, A. C., (1987). *A estória de Severino e a história de Severina*. São Paulo: Brasiliense.

Ferreira, A. B. H. (2004). *Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa*. Curitiba: Positivo.

Fernandes, F. (2012). *Dicionário de Sinônimos e Antônimos da Língua Portuguesa*. São Paulo: Globo.

Figueiredo, C. (1899). *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão.

Freitas, J. (2014, 18 de dezembro). O significado da indiferença. *Folha de São Paulo*, A13.

Friedman, S. (1992). *A construção do personagem bom falante*. Tese de doutorado, São Paulo, PUC-SP.

Giora, R. C., Rey, F. G. Lenzoni, A. M. (2000). *Arqueologia das emoções*. (S. T. M. Lane & Y. Araújo, orgs.). Petrópolis, RJ: Vozes.

Guedes, M. C. (2007a) A Psicologia Social de Silvia Lane no despertar e desenvolver da consciência socioambiental. In *14 Encontro Nacional da Abrapso*. Rio de Janeiro.

Guedes, M. C. (2007b). A viagem histórica pela América Latina. *Psicologia e Sociedade* [Edição Especial], 19, 39-45.

Heller, A. (1980). *Teoria de los sentimientos*. Barcelona: Fontanele.

Lane, S. T., Horta, W.A. (1976a). O significado psicológico de saúde como função de contingências grupais em duas faculdades de São Paulo. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 10(1), 15-56.

Lane, S. T. M. (1983a). O mundo através das palavras. *Cadernos PUC*. n.15.

Lane, S. T. M. (1984b). Linguagem, pensamento e representações sociais. *In Psicologia Social: o homem em movimento*. (pp.32-39). São Paulo: Brasiliense.

Lane, S. T. M. (1985b). Revendo a prática da Psicologia Social. *Psicologia, Ciência e Profissão*, ano 5, n. 1, pp. 20-21

Lane, S. T. M. (1988). *Compromisso social e prática profissional*. Arquivos do Núcleo de Estudos em História da Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Lane, S. T. M. (1995a). A mediação emocional na constituição do psiquismo humano. *In Novas Veredas da Psicologia Social*. (pp.55-63). São Paulo: Brasiliense: EDUC.

Lane, S. T. M. (1995a). Avanços da Psicologia Social na América Latina. *In Novas Veredas da Psicologia Social*. (pp.67-81). São Paulo: Brasiliense: EDUC.

Lane, S. T. M. (1995a). Contribuição de Vigotski para o estudo das emoções. *In Novas Veredas da Psicologia Social*. (pp.115-131). São Paulo: Brasiliense: EDUC.

Lane, S. T. M. (1997). *As emoções e a criatividade*. Arquivos do Núcleo de Estudos em História da Psicologia, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Lane, S. T. M. (2000). Os fundamentos teóricos. *In Arqueologia das Emoções*. (pp.11-27). Petrópolis, RJ: Vozes.

CRPSP, (2000). Diálogos: Uma psicologia para transformar a sociedade. *Psi Jornal*. Edição 122.

Laplanche, & Pontalis. (2004). *Vocabulário da Psicanálise*. (4ª ed.). São Paulo: Martins Fontes.

Malrieu, P. (1978). *Language y representacion in la génesis del language, su aprendizaje y desarrollo* (Simpósio da Associação de Psicologia Científica Francesa). Madri: Pablo del Rio Editor.

Massimi, M., Barros, M. L. (2005). Releituras da indiferença: um estudo baseado em cartas jesuítas dos séculos XVI e XVII. Ribeirão Preto. *Paidéia*, 15(31), 195-205.

Montes, M. L. (2007). Psicologia Comunitária: a "consciência", entre o individual e o social. *In 14 Encontro Nacional da Abrapso. Mesa redonda. A Psicologia Social no trato interdisciplinar do problema urbano: Silvia Lane e políticas públicas relacionadas à questão ambiental*. Rio de Janeiro.

Safatle, V. (2012, 12 de junho). Indiferença. *Folha de São Paulo*, A2.

Sawaia, B. (1987). *A consciência em construção no trabalho de construção da existência*. Tese de Doutorado, São Paulo, PUC-SP.

Sawaia, B. (2001). *Silvia Lane*. Rio de Janeiro: Imago Editora; Brasília, DF: CFP.

Takahashi, E. (1991). *A emoção na prática da enfermagem*. Tese de Doutorado, São Paulo, PUC-SP.

Vieira, C. M., Barros, M. N. F. (2008, jul/set). Cidadania: entre o compromisso e a indiferença: desvendando as representações sociais de universitários. Maringá. *Psicologia em estudo*, 13, 513-522.

Vigotski, L.S. (1972). *Psicologia del arte*. Barcelona: Barral Editores.

Vigotski, L. S. (1990). *Obras Escogidas*. Vol.1. Madrid: Ministerio Educación y Ciencia.

Vigotski, L. S. *Lezione di psicologia*. Roma: Editora Riuniti. (no prelo)

Wallon, H. (1983). *Le Debut Sociale*. In: *Enciclopedia Française: La Vie Mentale*. Paris: Larousse.